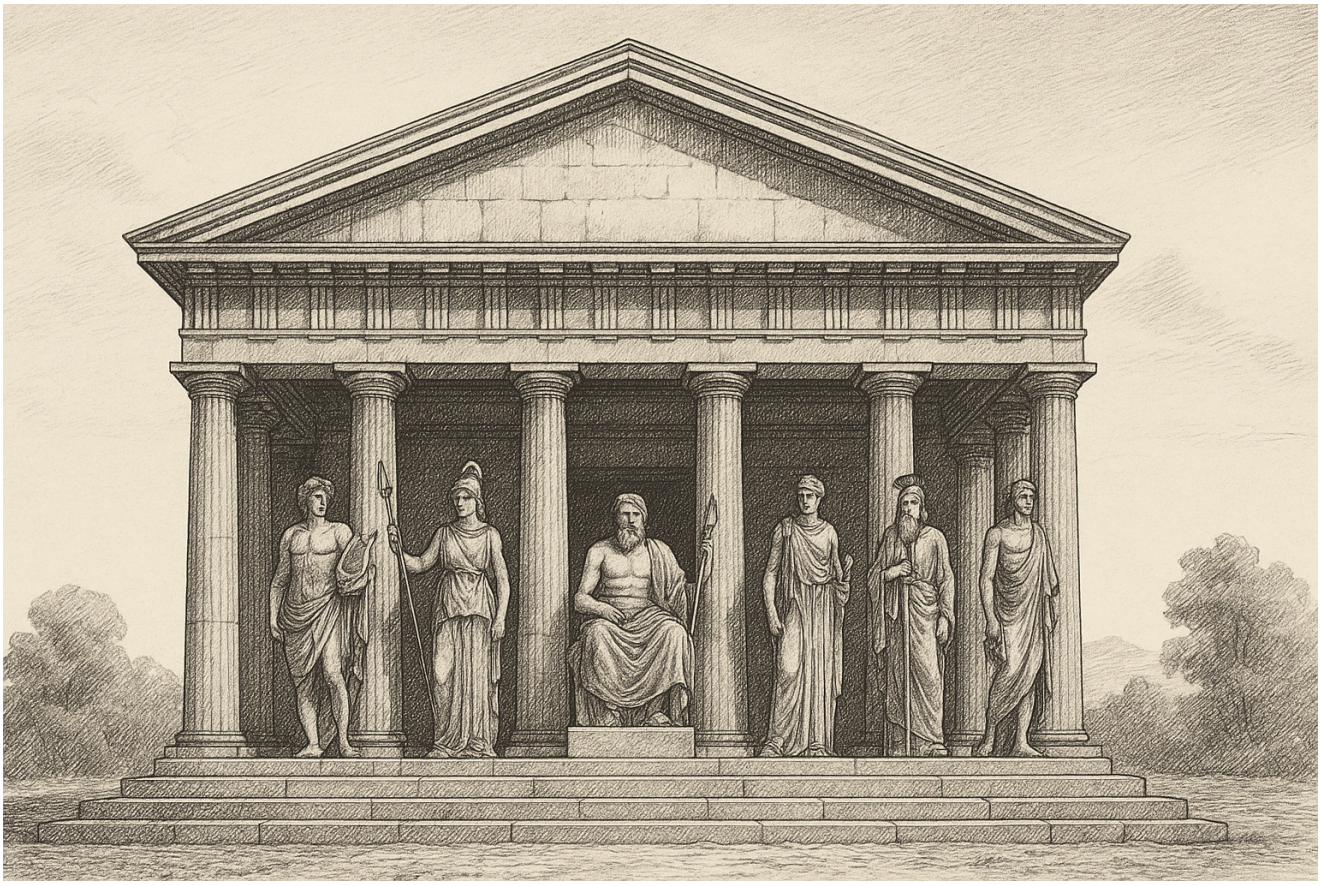


**Vivemos num mundo mágico, onde a bruxa perdeu a chave.**

— *Karnaxis. Maximus. Ignifer. Architectus.*

---

© 2025 Karnaxis. Maximus. Ignifer. Architectus.
Todos os direitos reservados.

Este livro está licenciado sob uma Licença Creative Commons
**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)**.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Partilha autorizada **desde que integral, sem alterações e sem fins comerciais**.
**Citações são bem-vindas**, com referência ao autor e à obra,
em sites, publicações ou onde o espírito assim o pedir.

Contacto: karnaxis.maximus.ignifer.architectus@proton.me

# O Teatro Arquetípico

## Prólogo — Atravessar o Limiar

Este livro não é para ser lido em modo racional. O seu conteúdo escapa frequentemente à lógica comum e exige um tipo de atenção que não se faz apenas com os olhos ou com o intelecto. O leitor é convidado a abarcá-lo com o espírito — e com a alma.

À medida que estas páginas se desenrolam, vão surgir imagens, histórias, símbolos e conceitos que pertencem a uma outra camada da realidade — aquela onde se desenham os contornos da psique profunda, dos arquétipos e daquilo que Jung chamou de processo de individuação.

Não é obrigatório compreender tudo, nem é possível. Algumas coisas serão reconhecidas apenas mais tarde, outras nunca. Há passagens que apenas quem já tocou os seus próprios abismos poderá reconhecer.

Aqui fala-se a linguagem do mito, da metáfora e da alma. A lógica é outra. O tempo também. Este livro não explica — aponta.

É fortemente recomendado que cada leitor, ao iniciar esta travessia interior, escolha e assuma para si um nome arquetípico — um nome simbólico que funcione como selo de protecção, bússola interior e escudo psíquico ao longo do processo.

Esse nome não é decorativo.
É uma âncora da alma e um limite contra forças que não pertencem ao ego comum.
É ele que responde, quando o inconsciente chama.
É ele que protege, quando as fronteiras da mente começam a dissolver-se.

Não importa se parece estranho.
O importante é que seja teu — e que venha de dentro.

*Selo da Travessia Arquetípica*

> Este é o **Selo da Travessia Arquetípica**. Usa-o como âncora, amuleto ou espelho — até que o teu próprio símbolo surja. Ele não é teu. Mas está aqui para guardar o que ainda não foi nomeado.

---

Antes de seguir, é importante reconhecer o tabuleiro onde tudo isto se desenrola.
Há peças invisíveis que se movem em nós, mesmo quando não sabemos o nome delas.
Chamamos-lhes arquétipos, máscaras, forças, estruturas — mas, acima de tudo, são presenças internas.

---

# As Peças do Tabuleiro Invisível

*(Guia Rápido para Navegação Arquetípica)*

## O Ego

O centro da consciência. Aquilo com que nos identificamos. Mas não é tudo o que somos.

## A Sombra

Tudo aquilo que rejeitamos, escondemos ou não queremos ver em nós.
Pode ser escura ou brilhante. É a outra metade.

## A Anima / O Animus

A alma no outro sexo psíquico.
No homem, a Anima: o feminino interior.
Na mulher, o Animus: o masculino interior.
Vozes internas que dialogam connosco.

## A Persona

A máscara. O papel social.
Aquilo que mostramos ao mundo — e às vezes acreditamos que somos.

## O Trickster (bobo da corte)

A força que baralha, engana e vira tudo do avesso.
Desafia regras, expõe hipocrisias e revela verdades por trás da confusão.
É riso, engano e revelação — tudo ao mesmo tempo.

> **O bobo da corte:** É o único que pode dizer a verdade ao rei — através da piada.

## O Inconsciente Pessoal

Tudo o que esquecemos, reprimimos ou nunca chegou à consciência.
Memória viva que se move nas sombras.

## O Inconsciente Colectivo

A camada arcaica da psique.
Sonhos, símbolos e imagens que partilhamos com todos os humanos desde o início dos tempos.

## O Self

O centro total da psique. A união do consciente com o inconsciente.
A meta da individuação. O “deus interior”.

---

# Capítulo 1 — A Palmada Invisível

## Relato

Foi no verão em que morreu a princesa Diana — não que isso tenha relação directa com o que aconteceu, mas serve como marco. Estávamos numa esplanada, uns doze rapazes, a beber e conversar. Gente passava na rua. Ambiente descontraído, risos, paródia.

Num dado momento, o empregado começou a meter-se com um amigo meu. E eu, talvez influenciado por qualquer tensão acumulada ou desejo oculto de humilhar alguém, tive um pensamento terrivelmente maldoso. Nem era racional — foi daquelas ideias que irrompem da alma, cruas, viscerais.

E então, a cena: uma miúda, com não mais de quatro anos, que ia a passar com os pais, parou. Sem hesitação, virou-se na minha direção, atravessou uns metros até mim, olhou-me com seriedade absoluta — e deu-me uma palmada na perna.

Depois fixou os olhos nos meus com uma expressão que não esquecerei: uma reprovação limpa, sem raiva, sem moralismo. Só verdade.

Os pais, estupefactos, pediram desculpa.
Eu respondi: “Está tudo bem. Eu percebo porquê.”
E percebia mesmo. Demasiado bem.
E, no fundo, ela tinha razão. Tinha mesmo muita razão.

---

## Exploração

**O que aconteceu ali?**

A explicação habitual seria: coincidência. Um gesto infantil sem sentido, lido de forma exagerada por um adulto impressionável.
Mas não. Aquilo foi símbolo puro. A palmada não foi da criança — foi do mundo. Da psique. Do Self.

## O Self atua

Carl Jung define o Self como o arquétipo da totalidade psíquica. Ele não é o “eu” — é o centro organizador da psique inteira, consciente e inconsciente.
E por vezes, quando o ego se desvia, ele intervém.

Nesse dia, o meu pensamento sombrio — que não verbalizei — invocou algo. A palmada foi a resposta.

---

## A Criança como mensageira

Em várias tradições, a criança é símbolo de pureza, justiça espontânea e canal do divino. Aquilo não foi “inocência” a bater-me. Foi o arquétipo da Criança que atravessou a rua para corrigir o desvio.

Ela não sabia o que eu pensara.
Mas o inconsciente sabia.

---

## A sincronicidade

O episódio é também um caso de sincronicidade: um acontecimento exterior que coincide com um estado psíquico interno, sem relação causal, mas com sentido.
Jung dizia que, nesses momentos, o mundo exterior reflete uma imagem psíquica — como se dissesse: “Estou atento.”

---

## Reflexão

Durante anos evitei romantizar este momento. Mas não consegui esquecê-lo.
Porque há momentos em que a realidade não se comporta como “realidade”.
Comporta-se como consciência.

---

# Capítulo 2 — Como Dominar a Besta Interna

## Um Olhar Longo Sobre a Sombra

*Selo de Invocação Arquetípica*

> Este símbolo não representa o mal — representa o território onde o mal já não pode fingir que não existe. Ao continuares, assumes a travessia deste espaço psíquico com responsabilidade.

---

Estávamos a almoçar.
Um daqueles almoços em grupo, cheios de ruído, cansaço e silêncios falsos.
Havia ali um gajo que ninguém suportava.
Era o tipo de presença que azeda o ar.
As conversas baixavam quando ele falava.
Sorrisos falsos, tensão acumulada, energia envenenada à volta dele — como se todos estivessem a conter algo que já passava do ponto.

Eu estava quieto.
Quase desligado.
Comida no prato, olhar meio perdido.
Até que senti a água.
Uma molha repentina, talvez acidental — mas no instante em que o líquido tocou a minha pele, algo se soltou.

Não foi pensamento.
Não foi escolha.
Foi instinto puro. Fogo puro.

A minha mão pegou no copo.
O corpo moveu-se antes da mente.
E num gesto rápido e seco, atirei-lhe a água que estava no meu copo com toda a força.

Silêncio.
Todos congelaram.

Ele ficou molhado, surpreso, sem reação.

Mas eu…

O monstro dentro de mim revelou-se.
Eu mato. Eu esfolo. Eu saqueio. Eu invejo.
Posso fazer todo o mal que existe neste mundo.

Senti-me um animal sem trela, louco, feroz, carniceiro.

Não me arrependi. Não na altura. Nem agora.
Mas percebi… havia algo ali que nunca conheci —
mas que, no fundo, sempre senti ao meu lado.
Como uma presença antiga que me observava do escuro,
à espera de ser chamada pelo nome.

E encontrei Zarthu.

---

## Zarthu – O Possuidor Sem Nome

Durante anos, ele não tinha nome.
Era só um impulso. Um blackout. Um gesto fora de controlo.
Quando vinha, eu desaparecia.
Agia, falava, respondia — e só depois é que o “eu” voltava ao corpo.

Zarthu não pedia licença.
Ele tomava o ego de assalto.
Instantes de raiva cega, de fome sem fundo, de desprezo absoluto por tudo e todos.
Nesses momentos, ele era eu.

Ele surgia nas brechas —
Quando o estômago estava vazio.
Quando o mundo me apertava.
Quando a humilhação já não cabia mais dentro da pele.
Quando tudo aquilo que eu calava se acumulava como pólvora seca à espera de um fósforo.

E então, ele entrava.
Falava por mim.
Agia por mim.
Com uma força que não controlava.

Zarthu é o lado negro do sobrevivente.
Não quer negociar.
Não quer explicar.
Quer vingar-se. Quer dominar. Quer saciar-se.

---

## Nota

O Zarthu é meu.
Não é uma entidade universal, nem um arquétipo que todos carregam com este nome ou forma.
Ele nasceu da minha história, das minhas repressões, das minhas guerras internas.
É a forma que a minha sombra tomou quando já não aguentava mais estar calada.

Talvez tu tenhas algo semelhante dentro de ti — mas com outro nome, outra energia, outro rosto.

Aqui, estou a contar o meu. O que emergiu das profundezas quando a contenção falhou.
Não procures o Zarthu dentro de ti. Procura o que te possui sem tu saberes.

---

## A Sombra é mais vasta do que o Zarthu

A Sombra, no sentido junguiano, é tudo aquilo que o teu “eu ideal” rejeitou — e que, por isso, foi lançado para o inconsciente.

Mas esses conteúdos não formam uma massa amorfa.
Eles organizam-se em figuras. Em vozes. Em “entidades psíquicas”.

Zarthu é uma dessas entidades — um arquétipo activo e dominador.
Ele encarna:

- o fogo destrutivo da raiva não expressa,
- a fome ancestral por reconhecimento e domínio,
- o ódio de ter sido fraco, invisível ou submisso,
- a masculinidade inflada que nasce da impotência,
- o lado que não quer cura — quer poder.

Ele é o general de uma parte da Sombra.
Mas há outros soldados, outras vozes, outras formas.
Talvez:

- a Criança Rejeitada,
- o Sedutor Manipulador,
- o Cínico que ridiculariza tudo,
- o Devorador (o que nunca está satisfeito com nada),
- o Silencioso (o que se cala e só olha com desprezo).

---

## Quando nomeamos a besta, o corpo treme

Ao confrontarmos um arquétipo e lhe darmos um nome, há — ou pode haver — uma descarga psíquica intensa.
É importante estarmos conscientes disso.
Essa descarga pode manifestar-se como uma sensação física ou cerebral: pressão, calor, tontura, tremor, exaustão súbita.

Chamo a atenção para este fenómeno porque o confronto com arquétipos carregados de energia exige esforço real.

Alguns arquétipos passam quase despercebidos — outros, quando finalmente emergem no processo de individuação, libertam energia proporcional à repressão que sofreram ao longo da vida.

Quanto mais os contivemos, mais violento é o momento da sua libertação.

---

## Zarthu também protege

Há algo que aprendi com o tempo:
Zarthu não quer o fim de tudo.
Zarthu quer não morrer sem lutar.

Ele não veio só para destruir.
Ele também protege.
Ele grita quando já foste calado demais.
Ele levanta-se quando o mundo te tenta apagar.

Se o ignorares, ele possui-te.
Se o confrontares, ele resiste.
Mas se lhe deres nome, forma e função —
ele pode tornar-se teu aliado.
Um guardião brutal. Mas leal.

---

## E se quiseres encontrar a tua própria besta…

Não precisas forçar nada.
Basta olhar para trás.

Recorda um momento em que reagiste de forma extrema.
Em que disseste ou fizeste algo que te surpreendeu a ti próprio.
Talvez tenhas explodido. Talvez tenhas destruído algo — ou alguém.
Talvez tenhas saído de cena e deixado o mundo arder.

Pergunta-te:
“Quem agiu por mim naquele instante?”

Pode ser que encontres uma voz.
Um nome.
Uma energia antiga.
É aí que começa o caminho.

Dominar a besta não é matá-la.
É olhá-la nos olhos — e decidir tu.

E agora que lhe dei um nome…
já não posso fingir que ele não existe.

---

***E então… eles aparecem***

**Zarthu (o Possuidor Sem Nome)**

A força interior que se manifesta quando o ego já não tem controlo.
Não pede licença. Não pede desculpa. Só age.

Ele diz:

> “Tu calaste-me tanto tempo… agora sou eu que falo.”

Mas o que está mesmo a gritar é:

> “Até quando vais fingir que isto não é teu?”

Zarthu representa a porção da sombra que ganhou autonomia.
Não é o ego que o invoca — é a repressão que o solta.
Não quer ser ouvido: quer tomar conta.
É a fome arquetípica por justiça interna — nem que seja pela força.

---

**A Sombra (a Força Ignorada)**

Tudo o que foste proibido de ser.
Tudo o que aprendeste a esconder para sobreviver.

Ela sussurra:

> “Sou o que tu calaste.”

Mas o que quer mesmo dizer é:

> “Se me continuares a negar, eu venho buscar-te por dentro.”

A Sombra é mais vasta que Zarthu.
Ela organiza-se em personagens psíquicas que te visitam nos piores momentos.
Zarthu é só um dos generais.
Há mais: o que finge que está bem, o que manipula, o que se vinga.

---

**O Ego (o que nega e paga)**

É o tu do dia-a-dia.
O que quer parecer bem.
O que diz “foi sem querer”.
Mas que sabe, no fundo, que não foi só isso.

Ele diz:

> “Eu não sou assim…”

Mas por dentro teme:

> “E se afinal… eu for mesmo?”

O Ego fica à mercê quando a repressão implode.
É ele que tem de recolher os estilhaços — mesmo sem ter lançado a granada.

**O Guardião (que pode emergir de Zarthu)**

Se o confrontares. Se o honrares. Se o escutares.
Ele transforma-se.

Ele diz:

> “Ainda estou aqui… mas agora, contigo.”

Ele já não possui. Protege.
Já não berra. Observa.
É o cão de guarda da alma — mas só se o reconheceres como parte tua.

---

Este capítulo é um verdadeiro campo de batalha arquetípico.
Mas também é um rito de nomeação.
E nomear… é invocar e conter.
Zarthu nomeado… já não é só besta.
É parte — do todo.

---

*Selo de Contenção Psíquica*

> O que foi aberto aqui… foi também selado. Leva contigo apenas o que foste capaz de nomear. O resto… fica guardado.

---

# Capítulo 3 — O Limiar

> “Quem és tu?”

Desconcertantemente, abro os olhos. Estou cercado.
Batas brancas por todos os lados — umas trinta pessoas, talvez mais.
Acho que eram médicos. Ou inquisidores modernos.

Estou numa cadeira. Manietado.
Ao lado, ajoelhado, um rapaz com fios prontos a colocar-me na cabeça.
Ligados a um aparelho qualquer.
O mostrador dizia 5000 volts.
Nada disto parecia real, mas também não era sonho.
Era teatro arquetípico.

Uma mulher — talvez médica — aproxima-se.
Pausa. Inspira. E pergunta, com voz de veludo:

> “Quem és tu?”

Entre a pergunta e a resposta, passou uma eternidade.
A minha mente retorcida entrou em modo comédia cósmica:

— Bom, vou dizer que sou o Napoleão.
…Epá, isso já está demodé.

— Ok, então sou Jesus Cristo.
Olho para o aparelho. Vejo os 5000 volts.
…Nah. Se digo isso, torram-me o cérebro.

Nos micro segundos em que ponderei ser crucificado por alta voltagem,
respondi o que tinha de ser dito.

> “Quem sou eu?! Eu sou eu!”

Ela insiste.

> “Quem és tu?”

E eu repito, com mais força:

> “Eu. Sou. Eu.”

---

A partir de um ponto no espaço tempo — não sei qual, não sei como —
surgiu-me a ideia de fazer tudo o que a minha voz interior me dizia.

Eram coisas inverosímeis aos olhos dos outros.
Mas eu obedecia.

Ligava-me à alma.
Entregava-me ao fluxo. Às vezes com música, às vezes com silêncio,
e deixava-me levar pelo espírito.
À medida que me rendia, as ações tornavam-se mais bizarras, mais extremas.
Mas depois... depois cruzei o limite.

Lembro-me de ir à cozinha. Não sei ao certo buscar o quê,
e quando voltei para a sala…

Levei com um flash na tola.
Não era luz. Era rasgo.
O cérebro — ou a psique — rompeu-se.
Senti-o.
Oh, se senti!
Como se algo se abrisse dentro de mim à força, rasgando e esventrando a minha psique.

E nesse instante, veio um pensamento avassalador:

> “Sou Deus.”

Pá… assustei-me como o caralho.
Não sei se pensei ou apenas senti — mas o pensamento seguinte foi:
“Agora é que estou maluco de vez.”
Não tenho certeza.

Só sei que, dali para a frente, comecei a andar numa linha ténue entre o mundo dos vivos e o limiar da loucura.
E dentro de mim, sabia:
não podia atravessar totalmente.

Havia momentos em que o arquétipo — agora sei chamar-lhe isso — tomava conta de mim.
Mandava fazer coisas. Loucuras.
Mas não era violência.
Era… outra coisa.

Hoje reconheço: era o arquétipo de Jesus Cristo.
E só agora, ao escrever isto, percebo com nitidez.
Sempre o tive preso. Sempre o contive —
mas não com correntes.
Com um fio elástico.
E esse fio esticou… oh pá, como esticou.

E apesar de tudo — da força, do rasgo, do medo, do vinho, da beira do abismo —
sentia que ele me encaminhava.
Não me queria destruir.
Estava ali… não como carrasco, mas como presença firme.
Ofuscava o ego, sim. Mas com passos gentis.

Houve momentos em que me dizia, por dentro:

> “Não vás para a água.”
> “Sê humilde.”

E eu obedecia... por intuição.
Mas acho que, no fundo, ele também me queria inteiro.

O arquétipo de Jesus é poderosíssimo.
Séculos de oração, fé, sangue, cruz.
É energia bruta.
Quem se mete com ele… fode-se.
Aguentar aquilo é meter a cabeça no cepo — e rezar para sair inteiro.

De tantas cenas que fiz, acabei internado.
Hospital psiquiátrico.

Um médico psiquiatra falou comigo.
Fizeram análises — pensavam que eu andava a usar alguma substância.
Mas nada.
Zero. Nenhuma droga.

Lá dentro, vi coisas.
Lembro-me de uma substância — acho que verde — a descer por uns tubos nas paredes.
Não sei explicar.
Mas juro: aquilo estava lá.
No meu estado psíquico, alterado como estava… vi.
E aprendi:
Nos hospitais há mais do que o visível.
Há um outro andar por cima, ou por dentro, ou por trás.
Chama-lhe o que quiseres.
Eu vi.

Estava completamente alterado.
Psicologicamente rasgado.
Não há outra forma de dizer.
Chama-se os bois pelos nomes.

**Do Real ao Invisível**

A abertura teatral deste capítulo aconteceu na realidade.
Com os devidos desvios… e a devida teatralidade.
Lá dentro, no hospital, aconteceram muitos mais fenómenos.

Depois de várias tentativas dos médicos para me “recuperar”, a verdade é que eu sentia — com toda a clareza —
que estava a dançar, com álcool, em cima de uma lâmina de barbear, a fazer malabarismos.
E estava mesmo.
Estava no limite. No edge.
No fio que separa o mundo dos vivos do outro lado.

Diga-se de passagem:
Confrontar um arquétipo interior, depois de o manter contido durante anos, liberta uma tensão psíquica brutal.

Agora… imaginem tocar no arquétipo de Jesus Cristo.
Milénios de orações, gritos, flagelações, sacrifícios.
Séculos de fé cega, cruzes erguidas, corpos queimados, mártires em transe.
Tudo isso acumulado numa só entidade simbólica — viva, pulsante, colada à alma do Ocidente.

E eu?
Ali.
De peito aberto.
Sem proteções.
E sem cuecas.

Acredita:
É o tipo de energia que te entra pelo espírito…
e te arrasta pelos cabelos, aos gritos, arrancando-os às mãos-cheias,
até te esmagar contra o chão como um animal possuído.
Ou a enlouquecer.

# Capítulo 4 — Como Descer com Alguém à Alma

(O Ritual Silencioso do Xamã)

O processo de escavar a alma de alguém é simples.
Mas não é leve.
Não se faz com técnicas, nem com psicanálise de palco.
Faz-se com presença verdadeira.

O guia, o xamã, o homem que já mergulhou no próprio inferno —
não chega para curar.
Chega para estar.

---

E o que se segue… não é entrevista.
É um estar com.
É deixar que a alma da outra pessoa comece a tremer,
mas sem medo de ser tocada.

A conversa começa sem planos.
De alma para alma.
Nada forçado.
O outro tem de confiar plenamente.

---

E o guia, sem impor, vai falando do que lhe dói.
Mostra que sangrou.
Conta os segredos que o queimam.
Dá-se primeiro.
Porque a alma só se mostra quando não se sente em risco.

Não há julgamento.
Não há análise.
Só presença e silêncio.

---

E se for o momento certo —
a outra alma… mostra-se.
Como um animal ferido que vem beber água da tua mão.

Foi o que aconteceu com a irmã da Castiofiori.

Uma jovem bela, viva, mas contida.
A irmã dela era tudo: presença, palco, expressão.
Ela… era o fundo da cena.
Talvez sempre tenha vivido na sombra da outra —
sem nunca saber que ali também havia sol.

---

Durante horas, falámos.
Eu fui escutando,
lançando pontes,
abrindo fendas com as minhas próprias dores.

E então — veio.

A partir de uma preocupação banal com a irmã,
a alma dela abriu uma fresta, e pela fenda saiu o que há muito estava preso.

Disse, sem pose, sem enfeite, sem grito:

> “Eu amo a minha irmã.”

---

E naquele instante…
o arquétipo libertou-se.

Senti a energia no ar.
O corpo dela mudou.
A tensão saiu.
O mundo ficou mais leve.

---

Quando uma alma diz a verdade reprimida…
o universo inteiro escuta.

E foi isso.
Sem técnicas.
Sem doutrinas.
Só duas almas,
e uma verdade dita no momento certo.

# Capítulo 5 — Com Unhas e Dentes

Estava deitado de barriga para cima, leve e serena. Sim, serena.
Como uma virgem no dia do casamento: bela, apetecível… e escancarada.

Tinha acabado com a minha Anima — ou tínhamos acabado.
Pronto. Ela deu-me com os pés.
É duro de dizer, mas é o que é.

---

Naquele ano longínquo, ia dar uma volta de carro.
Não me apetecia estar com os do costume — eram *shallow people*.
Eu gosto de almas nutridas e arrependidas.
São as que têm mais sumo.
E são as mais saborosas.
**Nham nham. E crocantes.**

---

Continuando.
Ia eu a dar a volta à rotunda, no início da zona onde costumo passar, quando vi um rapaz, mais ou menos da minha idade, a pedir boleia.
Não tinha nada para fazer, parei o carro e perguntei para onde ia.
Ele respondeu:

> “Vou para uma discoteca. Antigo ponto de encontro da malta.”

E eu:

> “Entra aí, dou-te boleia.”

Quando lá chegámos, ele retribuiu.

Até então não tinha dito nada, mas vira-se para mim e diz:

> “Olha, sou barman aqui. Entras comigo, pedes o que quiseres, não pagas nada.”

Eu:

> “Ok, fixe.”

---

E nesse verão, aos sábados à noite, o meu destino era aquela discoteca.
Ia buscá-lo — já nem me lembro do nome.

Chegávamos ao bar, eu bebia umas cervejolas, dançava…
E o espírito levitava.

Estava leve. Estava sereno.
Sem a carga arquetípica da Anima.

Porque a Anima, sim — **é uma mulher concreta**.
E o facto de termos acabado tirou-me um peso brutal de cima.

Ela tinha uma carga psíquica enorme.
Eu estava a levar com aquela merda toda.
E já se sabe: quando se cortam as amarras, o espírito eleva-se — tipo Led Zeppelin.

Sim, de facto saiu-me um peso enorme, apesar de estar embevecido por ela.
Mas o universo sabia mais do que eu.
Hum… por acaso… por acaso… lol.

Esse era o meu estado de espírito:
leve, sereno e sem amarras.

---

Estava deitado de barriga para cima, entre o absorto e a meia-luz de um sábado ao fim da tarde.
Sentia-me leve. Mas mesmo leve.
Descontraído.
Bem comigo próprio.
Satisfeito.
A deixar as imagens mentais passarem-me pela cabeça — meio adormecido.

Quando de repente…

Vindo do nada, uma força avassaladora puxou-me a alma para cima.
Era um íman poderosíssimo a tentar arrancar-ma.

Lutei com todas as forças do meu ser.
Ela não desistia.
Eu também não.

Estava assustadíssimo.
Lutei, lutei, lutei.
E o íman puxava, puxava, puxava.
**Queria a minha alma.**

Mas eu recusei.
**Agarrei-me com unhas e dentes.**

Porque quem manda na minha alma sou eu.
E mais ninguém.

Lutei o que me pareceram horas.
E finalmente, de rastos, consegui puxá-la de volta.

# Capítulo 6 — A Entrega

Estava numa G.A.M. militar.
Um exercício qualquer, numa clareira que cheirava a fumo e tensão.
Estava em cima das cinzas de uma fogueira.

---

Um dos sargentos — não sei o nome, mas lembro a expressão —
apontou para o chão onde as cinzas ainda fumegavam.
— “Deita-te aí.”

Olhei.
Cinzas quentes. Ainda vivas.
Recusei.
Não por ter dito nada...
mas porque **não o fiz**.

---

Avançou para mim, tirando o cinturão de combate com um gesto seco.
Olhos fixos.
Brandiu o cinto ao estilo de um qualquer cowboy.
— “Deita-te.”

E eu deitei.

---

No instante em que o meu peito tocou as cinzas,
senti um calor violento entrar por mim adentro.

Mas não era queimadura —
era como se algo invisível estivesse a insuflar-me por dentro,
a encher-me o peito como um balão,
como se a energia da terra, do fogo morto,
**me estivesse a marcar.**

Durante segundos, senti-me imóvel.
Não por medo.
Mas por **absorção**.

---

Depois ele gritou:
— “Levanta!”

E levantei-me com tudo.
Como se o chão me tivesse cuspido.
O corpo disparou — mas era como se fosse ele a mandar, não eu.
Como se o chão me tivesse devolvido com mais força do que aquela com que me deitei.
Como se as cinzas tivessem deixado algo em mim —
**ou levado algo embora.**

# Capítulo 7 — Do Fogo à Areia

Tive, ao longo da vida, a minha dose de acontecimentos estranhos.
Não lhes chamo coincidências.

Quando algo fora do normal acontece — basta uma vez — eu tomo nota.
Não fico a racionalizar.
Anoto mentalmente: “Isto não é normal. Há aqui qualquer coisa…”

---

Uma delas aconteceu numa noite qualquer, quando tinha uns 23 ou 24 anos.
Estava na praia, descalço, a andar à noite.
Era só areia até onde a vista alcançava.

De repente, a uns dez metros de mim, vi um veado.
Parado.
A olhar directamente para mim.

Aquilo arrepia.
Mesmo hoje, tantos anos depois, não consigo esquecer o olhar.
Ficámos assim durante uns segundos — eu imóvel, ele também.
E depois, calmamente, começou a caminhar em frente, afastando-se.
Antes de desaparecer, olhou para mim uma última vez —
com um olhar desafiante.

Eu fiquei para trás.
Ele desapareceu na escuridão.

---

Ali, naquela altura, no meio de uma cidade…
um veado.
Era — e ainda é — altamente improvável.
Mas estava lá.

Aquela zona era mal iluminada.
Quando o perdi de vista, avancei.
Quis confirmar o que vira.
Olhei para a areia.

E sim… havia rastos.
Pegadas de animal.
O que quer que fosse… esteve lá.
Agora, que hipóteses temos?

**A versão espiritual**

Quando estava na tropa, havia lá um veado. Estive perto dele, lembro-me.
Mais tarde acho que o mataram para o comer — talvez os oficiais.
Será que o espírito desse animal me apareceu?
Sim, estamos a assumir muito. Espírito, alma, reencarnação —
mas a verdade é que naquele momento, não pareceu aleatório.
Pareceu encontro.

---

**A versão demoníaca**

Lembras-te da lenda de Dom Fuas Roupinho?
O cavaleiro perseguia um veado e ia cair no mar, mas o cavalo travou,
deixando a marca da pata gravada na rocha.
Foi na Nazaré.
Nessa história, o veado era uma armadilha — ou uma manifestação do Diabo.
Um disfarce para levar o homem à morte.

---

**A manifestação simbólica**

Um momento arquetípico.
Uma aparição que vem da psique profunda —
não alucinação, mas expressão de algo que precisava de forma.

O veado, em várias culturas, é mensageiro entre mundos.
Na tradição celta, guia para a floresta espiritual.
No xamanismo, símbolo de delicadeza e ligação com o invisível.
No cristianismo, armadilha ou milagre.
Para mim… foi real.

---

Se foi um animal perdido, um eco psíquico, ou algo entre mundos —
não sei.

Só sei que me olhou.
E desapareceu.
E deixou marcas na areia.

E isso basta.
Para quem viu… não é preciso explicação.

# Capítulo 8 — Os Arquétipos

**O que é um arquétipo**

Um arquétipo é como se fosse uma caixa que nasce connosco, com determinadas características, e que se manifesta quando é evocada — seja de forma consciente ou inconsciente.

A aranha tem o arquétipo da reprodução, que é ativado por processos físicos, quando todas as condições estão reunidas: maturidade biológica, estímulos, etc.

Assim como todos os seres vivos comungam do mesmo arquétipo — o da reprodução.
Esse arquétipo mora no inconsciente coletivo.

Ao ser dada a vida, ele é logo atribuído à espécie — mas nem sempre é ativado de imediato.

Um arquétipo, mais mundanamente falando, e sem querer infantilizar o leitor, é como uma cozinha.
Quando nasce — metaforicamente — já tem os utensílios: o fogão, a loiça, o lavatório e por aí fora.

Quem entra numa cozinha já sabe o que o espera.
Se quer cozinhar, sabe que tem de ligar o fogão. É instintivo.

De outra forma: os carros.
já têm as estruturas físicas — rodas, motor, volante
Quem entra num carro, já sabe — usa o arquétipo do arranque para pôr o motor em marcha.

---

Assim todos nós nascemos com a centelha divina — o tal gajo, o Self.

Humanos, todos os animais e vegetais.

N’est-ce pas?! Ahahahah!

**Os Arquétipos em Acção**

Peguei em mim, com o irmão mais novo dum amigo meu, pedi emprestada a bicicleta do irmão e lá fomos passear
pelas barrocas, no bairro Miramar, em Luanda — depois do clube dos caçadores.
O miúdo ia em cima do volante, eu a conduzir e a pedalar.
Tinha 8 ou 9 anos.
Lembrámo-nos disso nesse dia.

Andávamos por lá quando um grupo de miúdos entre os 10 e 13 anos — de todas as cores e feitios, uns sete ou oito —
nos cercou. Um deles, mulatão, virou-se para mim e disse, a meter medo:

> — Vou-te roubar a bicicleta… uhhuhuhuhuh!

Olhei para ele.
Puxei da minha calma e do meu emocional sereno, que me travestiu como se de um bebé inocente fosse,
e retorqui:

> — Pois podes. Mas desde já digo-te: o meu pai é muito rico.
> Se quiseres, vou a casa buscar dinheiro, jóias, relógios… e a pressão de ar dele — uma Diana 45.
> (era o Ferrari das armas de pressão de ar da altura)

Disse-lhe tudo com o meu olhar mais cândido — como uma puta no bordel.

Depois comecei a falar com os outros miúdos:
— E tu, o que queres? Anotado.
— E tu? Também. Anotado.

— Ok… vamos fazer assim: eu vou a casa num instantinho. Como moro longe, levo a bicicleta…
e volto já com tudo o que vocês pediram.

Vá… até já.

(desconfio que os gajos ainda estão hoje lá, à espera que eu volte.)

---

**Análise Simbólica**

Uma criança de 8 ou 9 anos entra nas barrocas com outro miúdo.
Aparece um grupo mais velho, cercam-no, ameaçam.
A criança não entra em pânico — assume uma persona sedutora e manipuladora,
teatraliza a submissão e sai da situação com astúcia pura.

**Trickster (o burlador, o malandro, Hermes)**

Aquele que quebra regras sociais com inteligência e humor.

O "plano" de:

*“vou a casa buscar tudo o que vocês pedirem”*
é uma mentira simbólica redentora — não para enganar, mas para restaurar a ordem sem confronto físico.

A postura sedutora, irónica, improvisada mostra a essência do Trickster:
→ engana para sobreviver, mas sem ferir.
→ lida com a violência latente através de astúcia teatral.

---

**A Persona (a máscara social construída para sobreviver)**

*“O meu olhar mais cândido como uma puta no bordel…”*

Aqui, a criança encarna uma persona criada no momento:
inocência fingida, teatralidade, submissão falsa

Essa máscara salva-o — mas também revela uma consciência precoce do poder da aparência.

---

**O Sábio precoce / Observador interno**

Sabia o que estava a fazer.
A forma como a situação é descrita mostra um Eu observador muito ativo, mesmo dentro de uma criança.

A criança:
— analisou o grupo,
— entrou em modo “negociador”,
— respondeu ao líder e depois ao grupo, um por um.
Isso mostra que já havia consciência do jogo social — algo além da idade cronológica.
É um prenúncio do arquétipo do Velho Sábio, mas em modo criança estratega.

**A Criança Divina (o Eu essencial, símbolo de potencial)**

Aquela parte da criança que, mesmo pequena, já tem poder.
A resposta não foi medo nem submissão real — foi domínio leve, improvisado, intuitivo.

A Criança Divina não é “fofa” —
é poderosa de forma inesperada.

---

**A Sombra coletiva (os miúdos que cercam)**

O lado ameaçador, violento e marginal da infância.
O grupo representa a Sombra externa projetada da criança:

instintos de domínio, poder físico, humilhação possível.

Eles cercam — a criança canaliza.
Eles ameaçam — a criança desvia.

---

**Exposição de Quadros – Teatro Arquetípico**

Entrei com ela na exposição de quadros.
Era um espaço amplo de quatro paredes — diria até enorme.
Uma sala gigantesca, sem nada no meio.

As paredes estavam forradas de quadros de todos os tamanhos e feitios.
Ela, para me provocar, perguntou:

— Qual será o quadro mais caro?

Olhei, sorri, e disse:

— Hum… aceito o desafio. Cada um escolhe um. Depois vamos ver quanto custa.

Ela escolheu um dos quadros maiores — senão mesmo o maior.

Eu ri-me. Eheheh. Respirei fundo,
e fui percorrendo os quadros um a um — com a alma.

Eram uns 300, sei lá ...

Até que vi um dos quadros mais pequenos e disse-lhe:

— É aquele.

Aproximámo-nos de cada um dos quadros escolhidos e vimos os preços.
Depois percorremos todos, só por curiosidade.
E sim — eu tinha escolhido o mais caro de todos.

---

***Figuras interiores que se revelam...***

**A Anima (ela, a instigadora do jogo)**

A figura feminina que provoca, desafia, activa a busca interior no homem.
Ela diz:

“Qual será o mais caro?”

Mas o que está mesmo a perguntar é:

“Até onde vai a tua percepção de valor?”

Ela representa a voz do inconsciente que seduz para fora da superfície.
Se escolhes o quadro maior, ganhas na aparência.
Mas ao recusar essa via, entras na jornada simbólica real.

---

**O Self (a alma que escolhe em silêncio)**

Tu não foste racional.
Não fizeste cálculo.
Percorres com a alma.

Isso é escuta do Self.
O “pequeno quadro” representa o que não grita — mas ressoa.
O verdadeiro valor não está no tamanho, mas na resposta interior que ele ativa.

Quando escolhes “aquele”, és guiado por algo maior do que o ego.
O Self está a apontar e tu obedeces sem saber porquê.

---

**A Persona (a risada)**

“Eu ri-me. Eheheh.”

A máscara social reage — como quem finge que está só a brincar.
Mas o que está a acontecer é sério em termos simbólicos.

A tua risada é o disfarce.
O gesto de quem sabe que está a seguir outra lógica — mas não revela.

---

**O Trickster (a provocação dela / o teu jogo interior)**

Este arquétipo aparece tanto nela como em ti:
Ela provoca com leveza, mas move o teu mundo.

Tu jogas o jogo com sorriso — mas o levas para outro plano.

O Trickster é quem transforma o desafio num espelho do invisível.

---

**A Criança Divina (a tua intuição sem esforço)**

Tu não procuraste com cálculo.
Foste quadro a quadro, com alma, com leveza.
Isso é Criança Divina ativa — o Self em modo brincadeira séria.

No fim, ela vê. Tu viste.
O mais caro não era o maior, nem o mais vistoso.
Era o mais invisivelmente valioso.

---

**Resumo simbólico**

*O que parece:*
Um jogo de casal numa galeria.

*O que é:*
Um confronto entre valores visíveis e invisíveis.
Um teste arquetípico entre Anima e Self.
Uma cena de iniciação leve, onde o Trickster e o Sábio Interior dançam juntos.

---

**A Escada**

Ia a subir a escada da praça — entre legumes, vegetais e carne de porco —
quando, no lanço intermédio, olho e vejo um cego a pedir esmola.

Olhei meio absorto e ataquei o próximo lance.
Mas, de repente, pensei:

“Epá… há algo estranho aqui.”

Dei um passo atrás e olhei directamente para o invisual.
Reparei:

“Este gajo não é cego.”

E pensei:

“Foda-se… o gajo está aqui em meditação e criou uma aura como se fosse um mendigo cego?!?!”

Ao olhar penetrantemente para ele — e ver a realidade dele — pensei:

“Há com cada filho da puta…”

Retomei o meu caminho, subi as escadas.
O “cegueta” levantou-se, pegou nas esmolas…
e foi-se embora.

---

**A Escada (eixo de transição)**

Subir uma escada = símbolo clássico de ascensão de consciência.
É o movimento de um nível para outro.
Entre o chão e o céu, o mercado e o insight, o banal e o oculto.

Estás entre dois mundos.
No lanço intermédio… és puxado para ver o que não era para ser visto.

---

**O “Cego” (Persona + Trickster + Mestre disfarçado?)**

À primeira vista: um pedinte cego.
Mas quando olhas bem…

Não era cego.

O que é que ele representa?

A Persona perfeita da vítima: o ceguinho frágil, imóvel, inofensivo.

Mas por trás… está alguém em pleno teatro de manipulação, ou meditação disfarçada.

Aqui, o Trickster entra em cena no seu modo mais puro:
cria uma ilusão social que ninguém questiona,

manipula a compaixão,
e desaparece sem deixar rasto.

---

**O Olhar penetrante (activação do Self / Despertar da visão interna)**

“Ao olhar penetrantemente para ele — vi a realidade dele.”

Isto é um momento de ruptura da ilusão colectiva.
Tu és o único que para, volta atrás e vê.
Isso activa o observador interno, o Eu que está fora da hipnose social.

É como se só quem tem a visão simbólica activa consegue ver o engodo.

---

**A Sombra social (a indignação súbita)**

“Há com cada filho da puta…”

Essa frase não é só julgamento.
É a tua Sombra social a reagir à manipulação da compaixão.
Sentiste-te enganado — não por ti, mas pela farsa em si.

A Sombra aqui não é o cegueta.
É a sensação de que o mundo está cheio de ilusão montada para parecer fragilidade — mas esconde poder por detrás.

---

**A Subida final (integração e encerramento do ritual)**

Depois de veres a verdade… subiste.
Não o confrontaste.
Não o denunciaste.
Só reconheceste o jogo e seguiste.

Isso é a atitude do iniciado que já sabe que não está ali para salvar ninguém — mas para ver.
Tu viste.
E por isso… o cegueta foi-se embora.

**Conclusão Simbólica:**

Um episódio aparentemente simples —
mas que contém:

- A escada da consciência,
- O teatro da Persona,
- A quebra da ilusão,
- O olhar do Self,
- E o Trickster escondido à vista de todos.

---

**Impressão Arquetípica — O Braço Invisível**

Acordei com uma sensação estranha.
Aliás, toda a semana andava com aquela impressão no corpo.
Parei e pensei:

“Parece que não tenho um braço… mas que raio é isto? Donde é que me vem esta merda?”

Uns dias depois, vou no comboio.
Passa um homem — sem um braço.

---

**Análise Arquetípica**

*Sensação corporal sem explicação*
Acordas com uma impressão estranha.
Durante dias, o corpo carrega uma mensagem enigmática:

“Parece que não tenho um braço.”

Não há dor. Não há razão concreta.
Mas a sensação persiste — quase como uma memória de algo que ainda não aconteceu.
O corpo sabe antes da cabeça.

---

**Imagem exterior confirma o símbolo interno**

Dias depois, no comboio, passa um rapaz — jovem, mutilado, com ligaduras.
A imagem torna-se real.
Aquilo que o corpo pressentiu, manifesta-se fora.

Não é coincidência — é correspondência.
Um espelho inesperado do invisível.

**O braço ausente como símbolo**

O braço perdido pode ser lido como:
– limite da ação,
– trauma invisível,
– sacrifício,
– poder cortado.

É uma imagem forte — e toca em algo fundo.
O corpo captou a falta antes dela aparecer com forma.

---

**O corpo como sensor do invisível**

O que parecia estranho ou absurdo, era na verdade uma recepção.
Uma frequência simbólica vinda de fora — ou de dentro do campo comum.

O corpo não estava doente.
Estava a escutar.

***Não é o braço nem o cego.***
***É o que eles revelam sobre o que não vemos.***

---

**Quando o Tempo Abranda**

No semáforo, ele percebeu que se tinha enganado no caminho.
Disse:

— Espera… faço aqui uma inversão de marcha, mesmo com linha contínua.

Respondi:

— Não, vamos por ali…

Mas ele insistiu — e virou o carro, atravessando a estrada.

O nosso carro ficou a bloquear o sentido contrário.
De repente, vem outro carro a toda a velocidade.
Ele percebe, entra em pânico, acelera para a frente, recua, tenta desviar-se — tudo em micro segundos.

Nesse momento, **como que me liguei ao outro condutor**.
Estava do lado do morto — onde ia receber todo o impacto, caso o carro batesse.

**Senti-o.**
E **ele sentiu-nos**.

Como se as almas se tivessem tocado.
Como se, por um instante, houvesse **apenas um só corpo** a tentar encontrar o lugar certo por onde passar.

O nosso carro avançava, recuava, desviava —
o condutor em puro pânico —

até que, avassaladoramente, **rasga-se algo na minha psique**
e **ouço** — **ouvimos** —
uma voz fora do tempo.

**“PÁRA!”**

O meu condutor travou.
**Não por escolha.**
**Não por reação lógica.**
**Parou porque uma força imensa o travou.**

O carro passou a 200 à hora à nossa frente — sem nos tocar — nem um risco.

---

**O Desvio — A Vontade contra o Caminho**

A decisão de inverter a marcha contra as regras marca o início da tensão.
É a vontade egóica a contrariar a ordem visível (linha contínua).
A linha no chão é o símbolo da fronteira — e foi atravessada.
Erro. Consequência.

---

**A Erupção Psíquica**

No momento de colapso iminente, não há lógica, nem diálogo.
Há impulso puro vindo de dentro —
uma ordem silenciosa, emitida com força.

**“PÁRA.”**
A mente do outro capta. O corpo obedece.
Não foi voz. Foi emissão psíquica.

**O Instante de Clareira**

Entre o caos e o impacto…
abre-se uma nesga na realidade.
O carro em fúria passa por essa abertura — sem tocar em nada.
Como se o tempo tivesse cedido por um segundo.
Como se algo “lá de cima” tivesse permitido a passagem.

---

**Intervenção invisível**

O que parecia um momento de acidente inevitável transforma-se num instante de sincronia extrema.
A voz não dita funciona como comando interno colectivo.
É como se os corpos fossem puxados por algo maior — e nada se parte.

Este episódio parece banal — trânsito, erro, susto.
Mas, no fundo, foi um ritual simbólico involuntário, onde a consciência silenciosa interveio no teatro físico.
Mais uma prova de que o mundo visível responde à força psíquica invisível.

# Capítulo 9 — E então, Deus respondeu

Estava sol. Angola, Luanda, bairro Miramar, 1960, e carqueja.

Acordei, como de costume, cheio de energia, felicidade e fome.

Tomei o mata-bicho.
Não me lembro bem o que foi — talvez o célebre pão com marmelada e formigas.

As formigas invadiam tudo.
Com fome, eu comia o que houvesse.

Ou talvez fossem as papas do Tarzan — meio quilo de Cerelac com um litro de leite.

Sempre fui bruto. Sempre com muita fome.
Em bebé, só dois biberões me calavam…

---

Arranjei a pasta — acho que era uma espécie de mochila — que tive de ir procurar,
porque no sábado, ao chegar da escola, entrei no jardim e atirei-a para trás de um muro.
A brincadeira não podia esperar.

Ufa, lá consegui encontrá-la.
Tirou-me um peso de cima, porque o Seth já afiava a faca…
e o Hórus já estava com o olho em cima de mim.
O cabrão via tudo.

Bastava pôr um pezinho em ramo verde que o gajo, com binóculos, topava logo as merdas que eu andava a fazer —
e depois lançava o Hórus em grande estilo. Filho da puta!
Mas adiante.

---

Durante anos, às vezes a falar com Deus, punha-lhe um bocado de comida e dizia:
"Come. Experimenta isto. Um bocado de frango, um bocado de bife, ou a papa do Tarzan."
Mas ele nunca se dignava a comer.

Não sei se era porque não tinha fome ou por outra razão qualquer.

---

Punha lá num sítio especial, perto do cabo onde os raios passavam, e dizia:
“Deus, toma isto, podes comer.”

Ia dar uma volta ao jardim, à volta da casa, e voltava a ver se Deus tinha comido.
Mas não…

E desde sempre quis falar com ele.
Eu falava, falava, e ele não me respondia.

---

Naquele dia, virei-me para mim mesmo e disse:
"Hoje, não vou à escola."

Então, decidi não ir à escola e fui para as barrocas.
Peguei na pasta e lá fui.
Não me apetecia ir à escola — e quando meto uma coisa nos cornos, é difícil tirá-la.

---

Lá fui, contente, a observar a natureza,
quando vejo um senhor de cor, com uns 60 anos, talvez — jardineiro.
Fui ter com ele para conversar. A conversa fluiu.

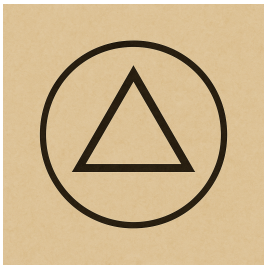
Ele explicou-me as árvores, a terra, o cultivo —
e eu, embevecido, absorvia literalmente tudo o que me dizia.
Falou-me dos rios, das planícies, dos vales, do mar, da terra…
e eu ouvia-o desconcertado.
As estrelas, os planetas, o universo…

---

Foi uma manhã maravilhosa.
Vim de lá cheio de conhecimento, paz e vibrante com a natureza.

E foi assim que conheci — e falei — com Deus.

**Sou aquele que caminha com Hórus, com Seth, com Amon e com Rá…**
**Chamo-me Karnaxis. Maximus. Ignifer. Architectus.**



*Selo do Retorno Arquetípico*

# Nota sobre os selos de abertura e fecho

Este livro inicia com o **Selo da Travessia Arquetípica**
e termina com o **Selo do Retorno Arquetípico**.

São mais do que imagens:
representam a abertura e o encerramento simbólico de uma jornada interior.

O primeiro convida a entrar.
O segundo marca o regresso —
transformado.

Ambos foram colocados com intenção ritual.

# Nota sobre os selos arquetípicos

Este livro contém dois símbolos únicos — usados no capítulo dedicado a **Zarthu**.

O primeiro, colocado no início, é um **selo de invocação arquetípica**.
Foi desenhado com intenção clara: permitir a entrada dessa força simbólica com consciência.

O segundo, no final do capítulo, é um **selo de contenção.**
Tem como função **encerrar, selar e reabsorver** o que foi chamado.

Estes símbolos não são decorativos.
São **ferramentas rituais inseridas com propósito** —
porque **Zarthu não é metáfora.**
É um ser psíquico real.
E quem o invoca… **deve saber como o conter.**

# Nota geográfica

As **barrocas**, mencionadas num dos capítulos,
eram uma zona específica de Luanda, junto ao antigo **cinema Miramar**,
o qual estava **integrado nas próprias barrocas**.

O termo refere-se a **barrancos ou ravinas dendríticas** —
formações geológicas resultantes da erosão do solo,
criando declives acentuados e sulcos profundos,
normalmente localizados em escarpas da costa ou em áreas de planalto.

**De lá, via-se todo o porto de Luanda.**

*As barrocas e o cinema Miramar, 1970*

# Sobre o autor

O autor deste livro nasceu em Angola, Luanda, em 1963.
Viveu em África até 1974, ano em que veio para Portugal.
Não é escritor. Nunca teve esse plano.
Trabalha com computadores — máquinas, lógica, sistemas.

Este livro surgiu de forma inesperada,
quando, ao começar a ler Carl Jung,
reparou que o que Jung descrevia…
**coincidia com experiências que já tinha atravessado — sem saber que tinham nome.**

Não foi escrito com intenção literária, académica ou comercial.
Foi escrito como **testemunho.**
Um registo arquetípico vivido por dentro.
Talvez para ninguém.
Ou talvez para quem souber escutar.

# Referência

Esta obra surgiu após a leitura de um livro de Carl Gustav Jung:
**“Archetypes and the Collective Unconscious”, Volume 9** das Obras Completas.

Não foi um estudo planeado —
foi um espelho inesperado.

Ao folhear aquelas páginas, o autor começou a reconhecer, com espanto,
que muitos dos conceitos ali descritos…
**ecoavam cenas reais da sua própria vida.**

O que começou como curiosidade transformou-se numa travessia simbólica.
Este livro é o testemunho dessa travessia.

## Nota Final

Este livro não é uma resposta.
É um testemunho.
Um espelho. Um mapa incompleto.

Deixo o email do meu arquétipo.
Enquanto estiver vivo — e ainda ler estas mensagens —
poderei responder através deste endereço:

karnaxis.maximus.ignifer.architectus@proton.me

**A Deus!**

*O feitiço foi quebrado.*